



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar  
de Professores

## O DESENHO INFANTIL COMO UM CANAL DE COMUNICAÇÃO ENTRE A CRIANÇA E O SEU MUNDO EXTERIOR: ANÁLISE DOS DESENHOS DE ALUNOS DE UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA, MS, BRASIL.

Josiane Almeida Lopes da Silva  
Helen Paola Vieira Bueno

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a evolução dos desenhos infantis desde as primeiras garatujas, até a fase esquemática que se apresenta dos 7 aos 9 anos de idade, bem como expor os resultados sobre análise dos desenhos de alunos de uma escola estadual do município de Aquidauana, MS, Brasil, com a finalidade de destacar a relevância do desenho na vida da criança, buscando compreender os sentimentos, desejos e vivências expressos. Para isso foram realizadas pesquisas bibliográficas a livros de autores como Derdyk (1990), Lowenfeld e Brittain (1970), Mèredieu (2001), Piaget (1969), como também a artigos de autores como Correia (2016), Bombonato e Farago (2016), Moreno (2008), entre outros. Foi realizada também uma pesquisa de campo em uma escola estadual do município de Aquidauana, através dos desenhos das crianças, isto é, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa voltada para levantamento de conceitos e compreensão de resultados. Os resultados apresentados associam a teoria com a prática, destacando a relevância da valorização da arte criadora da criança.

**Palavras-chave:** Desenho. Desenvolvimento Infantil. Autorretrato.

### ABSTRACT

The presente study aims to presente the evolution of children´s drawings from the earliest doodles, until the schematic phase wich presents the 7 to 9 years of age, as well as expose the results on examination of the drawings of a State school in the municipality of Aquidauana, MS, Brazil, in order to highlight the relevance of design in the life of the child, seeking to understand the feelings, desires and experiences expressed. For this research was carried out bibliographical references to books by authors as Derdyk (1990), Lowenfeld and Brittain (1970), Mèredieu (2001), Piaget (1969), as well as articles by authors such as Correia (2016), Bombonato e Farago (2016), Moreno (2008), among other. A field survey was also carried out at a state school in the municipality of Aquidauana, through the drawings of children, that is, was developed a qualitative research focused on concepts and understanding of survey



results. The results presented associate theory with practice, highlighting the relevance of creative art appreciation of each child.

**Keywords:** Drawing. Child development. Self-portrait.

## 1 INTRODUÇÃO

É preciso pensar em como estão sendo estimuladas as produções das crianças seja em casa ou na escola. Será que todas têm acesso a materiais? Será que possuem um local adequado para desenhar? Será que as produções estão sendo valorizadas? São questionamentos interessantes para serem observados. Para buscar respostas acerca desse tema, foram realizadas pesquisas bibliográficas a livros e artigos disponibilizados na internet, bem como pesquisa de campo em uma escola estadual do município de Aquidauana, através dos desenhos das crianças, isto é, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa voltada para levantamento de conceitos e compreensão de resultados.

Günther (2006, p. 202) ressalta que “a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que nas diferentes técnicas analíticas são interpretados hermeneuticamente”. O objetivo da pesquisa qualitativa é interpretar e compreender os dados coletados, sendo assim, relevante fazer uma conexão entre pesquisa bibliográfica e de campo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho busca expor os resultados sobre “análise dos desenhos de alunos de uma escola estadual do município de Aquidauana, MS, Brasil”, tendo como objetivo explicar sobre a evolução dos desenhos desde as primeiras garatujas, até a fase esquemática que vai dos 7 aos 9 anos, buscando compreender seus respectivos significados. Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográficas a livros de autores como Derdyk (1990), Lowenfeld e Brittain (1970), Mèredieu (2001), Piaget (1969), como também a artigos de autores como Correia (2016), Bombonato e Farago (2016), Moreno (2008), entre outros.

## 3 DESENVOLVIMENTO

De acordo com Correia (2016) desde o início da humanidade o desenho é utilizado como forma de manifestação de ações, sentimentos e desejos, fazendo parte então da vida do ser humano. Quando a criança desenha, expõe aquilo que está sentindo, dessa forma é relevante o acompanhamento de um adulto para interpretar aquilo que ela quer demonstrar



através dos traços e cores utilizados, pois estes podem expressar sentimentos como raiva, alegria, tristeza, entre outros.

Para Lowenfeld e Brittain (1970) as crianças se expressam de maneira espontânea, e a interferência do adulto em pequenas atitudes como escolher a cor de um lápis atrapalha esse processo, portanto, é preciso estimular sem interferir. Nota-se que esse estímulo é relevante para a criança, pois muitas são quietas e não gostam de conversar, ou seja, o desenho serve como uma forma de comunicação. As crianças se desenvolvem de acordo com seu tempo biológico, cada uma tem seu momento para se interessar por determinadas atividades, seja na fala, no andar, ou até mesmo na elaboração de um simples desenho.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1970) essas capacidades são definidas em diferentes etapas de desenvolvimento, sendo o físico baseado na execução das primeiras garatujas, como simples rabiscos sem significados aparentes para o adulto, mas que para a criança tem muito valor. Após algum tempo, com o domínio da coordenação motora, esses pequenos rabiscos vão ganhando formas mais expressivas.

O desenvolvimento perceptual consiste na interpretação pelas sensações como o tato, através de moldes feitos de areia ou barro, a percepção do ambiente em que está inserida, a atração pelas cores, dentre outras atividades. No desenvolvimento social, a criança já consegue inserir figuras de pessoas em seu desenho, principalmente as que fazem parte de sua família, como os pais e os irmãos, seus desenhos já ganham mais similaridade com o real (LOWENFELD E BRITTAIN, 1970).

Lowenfeld e Brittain (1970) afirmam ainda que o desenvolvimento estético baseia-se na organização de pensamento, na combinação dos traços e cores, isto é, cada criança tem uma maneira e estilo para se expressar. O desenvolvimento criador surge desde os primeiros rabiscos, é o processo em que a espontaneidade toma conta da criança, que atribuirá formas ao seu desenho de acordo com seu imaginário.

A criança com o passar do tempo irá fazer desenhos mais elaborados, mais cheios de detalhes, com o contraste de sua realidade, cultura e costumes, “detalhes da figura humana, noções de perspectiva e realismo visual são elementos da evolução do desenho” (CORREIA, 2016, p. 6).

Segundo Derdyk (1994) a arte de criar pode estar ligada à inteligência humana, como também às circunstâncias culturais do meio em que a criança está inserida. Porém para Luquet apud Bombonato e Farago (2016), essa arte não está relacionada à cultura, mas sim ao real, isto é, o desenvolvimento da criação parte do que a criança sente e conhece.



Lowenfeld e Brittain (1970) descrevem que os desenhos passam por muitas fases, sendo a primeira delas a fase das garatujas que vai de 2 até 4 anos e se dividem em três categorias: as desordenadas, controladas e as nominadas.

Para o adulto leigo no assunto, a garatuja não passa de meros rabiscos, sem nexos, um simples passatempo, todavia, é uma fase de conhecimentos das habilidades e descobertas das cores.

A garatuja não é simplesmente uma atividade sensório-motora, descomprometida e ininteligível. Atrás desta aparente “inutilidade” contida no ato de rabiscar estão latentes segredos existenciais, confidências emotivas, necessidade de comunicação (DERDYK, 1994, p. 52).

Nas garatujas desordenadas, a criança rabisca de forma espontânea, às vezes não segura o papel com força, segura o lápis de maneiras diferentes, por vezes entre os dedos, ou preso ao punho, rabiscam paredes, móveis, etc. Essa é a fase da descoberta, da busca pelo domínio do lápis e do papel, e das brincadeiras, e nessa idade os rabiscos podem ser considerados como um meio de distração e comunicação.

Fica evidente que desde os primeiros rabiscos buscamos formas de nos expressarmos, “[...] a atividade de garatujar tornou-se, rapidamente, um meio concreto de expressão, um dos primeiros, depois do choro” (LOWENFELD E BRITAIN, 1970, p. 120).

Nas garatujas controladas, os rabiscos vão ficando mais ordenados, a criança consegue se limitar sobre o espaço que tem na folha, não rabisca a mesa acidentalmente, o que era impossível antes, pois não conseguia dominar seus traços, faz movimentos repetitivos, fazendo rabiscos circulares, várias linhas em uma mesma direção. Nessa fase já é notável a segurança em usar os materiais fornecidos pelo adulto, a vontade de desenhar, de descobrir novos traços, e usar as cores e suas combinações.

Na fase em que se começa atribuir nomes às suas garatujas, há uma relação com as pessoas do convívio, em seus rabiscos observa-se a intenção de representar a mãe, o pai, os irmãos, ou qualquer outra pessoa da família, e até si próprio, mesmo que continuem sendo rabiscos para o adulto, mas para a criança tem muito significado. Há então, a comunicação do que será desenhado, anunciando o que irá fazer, porém, o resultado pode não ser o esperado, por isso não se deve forçá-la a dar nomes e significados.

Para Lowenfeld e Brittain (1970) as cores começam a ganhar relevância após o domínio da coordenação motora, ao fazer os rabiscos utiliza-se de vários tons, busca os que são mais atrativos e os que mais fazem contraste com o branco do papel. As variações de cores nos rabiscos acontecem na fase em que a criança atribui nomes às garatujas.



Os autores trazem vários conceitos referentes a utilização das cores, um deles é de que a utilização de determinados tons está associada ao comportamento, seja bom ou ruim, como também trazem a ideia de que a utilização decorre da ordem em que os lápis estão dispostos na paleta, dentro de um estojo ou em cima de uma mesa para o uso. O desenvolvimento pode ser notado pelos pais através da evolução dos desenhos, os rabiscos antes feitos de forma espontânea dão espaço à capacidade criadora.

A segunda fase de desenvolvimento dos desenhos é a pré-esquemática que vai de 4 a 7 anos, quando a criança já consegue fazer uma associação com o mundo a sua volta, desenhando de forma intencional por meio da observação visual, para ela o resultado do que se deseja tem muita importância. Os pais ou o professor consegue fazer uma análise do que se foi pretendido, portanto, é relevante observar e valorizar o que a criança quis transmitir.

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1970) algo que é coincidente em toda análise dos desenhos de crianças a partir dos 5 anos, é que grande parte desenham o homem com um círculo para representar a cabeça, os pés seguindo uma linha reta abaixo do círculo, e os braços ao lado das retas, para os autores, a hipótese mais provável é de que talvez seja um autorretrato, pois pode ser a forma que ela se veja. Toda essa representação do homem se faz presente, pois as crianças desenhavam as pessoas de que gostam e em quem confiam, como também aquelas que de alguma maneira não lhes agradam.

A atração pela cor nessa etapa diminui, pois faz formas pré-definidas, identificando seus desenhos pelos traços e não somente pela cor como acontece nas garatujas, isso não significa que as cores não são utilizadas, apenas deixa evidente que a criança exerce uma independência acerca de suas criações. Essa atração ao qual os autores se referem, condiz muito com a personalidade, com o humor, e com a forma de ver o mundo, portanto, os adultos não podem interferir escolhendo as cores a serem utilizadas.

Deve-se proporcionar à criança ampla oportunidade de descobrir suas relações com a cor, pois só através de contínua experimentação é que ela estabelece a afinidade entre seu próprio envolvimento emocional com a cor e a organização harmoniosa desta sobre o papel (LOWENFELD E BRITTAİN, 1970, p. 154).

Sendo assim, partimos do seguinte princípio, a criança precisa ter independência para explorar suas descobertas, como também ter suas criações, escolhas e experiências respeitadas. Nessa fase não há uma noção de espaço bem definida, não é feita uma relação com o que está longe e o que está perto, o espaço é concebido de acordo com o que está a sua volta.

O estudo acerca dos significados dos desenhos segundo Lowenfeld e Brittain (1970), traz a compreensão da evolução do raciocínio por parte do ser humano, os conceitos



dessa evolução precisam ser estudados pois variam de criança para criança, ou seja, assim como na fala há quem se desenvolva mais rápido.

O desenho tem a mesma importância que a escrita, pois através dele que muitas se expressam, revelando o que se passa em seu coração e a maneira como enxerga o mundo e as pessoas que a cercam, deve-se levar em conta que a criança está em constante desenvolvimento e que seus traços mudam com o passar do tempo, como também há aquelas que tomam gosto por desenhar e que levam isso para vida adulta.

Os autores salientam que não deve haver cobrança por parte dos adultos para que a criança seja um gênio na arte de desenhar, tudo consiste na compreensão e valorização de sua arte.

Na fase esquemática que vai dos 7 a 9 anos, já haverá uma noção do conceito do homem em seu meio, ou seja, a criança consegue desenhar mais próximo do real, considerando o espaço que a cerca, as proporções de tamanho relacionado a cabeça, olhos, pés, braços, etc. Mas isso não significa que toda criança fará igual, pelo contrário, cada uma tem sua maneira de observar o que está a seu redor.

A grande descoberta, durante este nível de idade, é a existência de uma ordem definida nas relações espaciais. A criança deixa de pensar: “Há uma árvore, há um homem, há um automóvel”, sem estabelecer relação mútua entre esses elementos, como fazia no estágio pré-esquemático. Ela agora pensa: “Estou no chão, o automóvel está no chão, a grama cresce no chão, a lama está no chão, todos nós estamos no chão” (LOWENFELD E BRITTAIN, 1970, p. 185).

Para algumas crianças dessa faixa etária há um reconhecimento e uma noção lógica de como as coisas estão alocadas no espaço. Ao desenhar em um mesmo plano diversas imagens, não quer dizer necessariamente que será seguido uma ordem reta numa linha imaginária, pode haver ainda assim, alguns objetos flutuando, portanto, isso varia de acordo com sua coordenação motora.

### 3.1 O desenho da figura humana como forma de expressão e comunicação

Para se pensar em significação dos desenhos é relevante observá-los desde a educação infantil, onde são iniciadas as primeiras manifestações artísticas, é necessário que o professor conheça seu aluno, para que possa compreender o que quer dizer por meio de suas obras.

O trabalho com as artes visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a



sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças (BRASIL, 1998, p. 91).

Cada aluno é um artista, uns exploram mais, outros menos. Sendo assim, é importante ter sempre ideias novas para estar desenvolvendo em sala de aula. Para Correia (2016), o desenho precisa ter seu grau de importância dentro da sala de aula, porém alguns professores transformam a atividade como algo banal, apenas como um meio para passar o tempo.

O desenho permite ao professor uma série de pistas sobre a criança que encontra no mesmo a sua maneira de ler o mundo. Os professores, muitas das vezes, não acreditam que o desenho desempenha um papel tão importante na construção do pensamento da criança não dispensando a ele a sua devida importância em sala de aula (CORREIA, 2016, p. 14).

O incentivo para a prática do desenho é de suma importância na infância, pois é a etapa da vida em que o ser humano busca explorar o mundo que o cerca, enfrentar desafios, formar laços de amizade e expressar-se por meio de seus sentimentos e ações.

Moreno (2008) destaca que a criança precisa ser incentivada em casa e na escola, para que haja o desenvolvimento de sua criatividade. O responsável pela criança torna-se peça indispensável nesse processo, pois lhe caberá a missão de estimular e proporcionar meios que favoreçam o desenvolvimento da arte criadora, e para que o gosto pelo desenho não se perca na vida adulta.

Segundo Cox apud Moreno (2008) a interferência do professor naquilo que deveria ser uma criação própria da criança, como a escolha da cor, o tamanho das figuras, etc., será uma forma de “sufocá-la” e que a fará perder a vontade de produzir.

O desenho funciona como auxílio ao desenvolvimento motor, há muitas maneiras da criança se posicionar quando está desenhando e que pode prejudicar sua postura, bem como, isso também diferencia no resultado de seu trabalho. “[...] desenhar em pé, sentado, deitado, geram consequências e posturas distintas da relação da criança com a mão, com o olho, com os sentidos, com o instrumento, com o suporte, com o espaço” (DERDYK, 1994, p. 64).

Conforme Mèredieu apud Derdyk (1994) o desenho se baseia no imaginário e na referência que se tem do lugar onde a criança está. A análise traz dois níveis de interpretação, um consiste no “conteúdo manifesto”, quando se consegue observar explicitamente o que a criança quis dizer ao desenhar, e o outro nível é o “conteúdo latente”, que são as mensagens escondidas e que precisam de uma atenção maior, pois podem denunciar algo.

A avaliação busca trazer respostas para determinados comportamentos, seja quieto ou agitado. Essa avaliação pode ser feita pelos pais ou professores, no entanto, não é viável



analisar o desenho sem conhecimento das fases do desenvolvimento infantil e da evolução dos desenhos, primeiramente é necessário buscar respostas através da conversa com a criança. “Através deste processo, pode-se detectar, por exemplo, problemas emocionais, comportamentais, escolares, no âmbito familiar, depressão, entre outros” (CORREIA, 2016, p. 05).

Amaral (2008) ressalta que o desenho serve também como forma de investigação para se descobrir casos de vítimas de abuso moral, físico e sexual. É relevante que o adulto fique atento à mudança de comportamentos da criança e procure auxílio de um psicólogo, pois na maioria das vezes muitas não denunciam os abusos sofridos por medo, vergonha e até mesmo por sentirem culpadas. Analisar o desenho com base em uma conversa aberta com a criança a faz ter confiança em revelar o que se passa.

Para a criança, “o desenho é brincadeira, é experimentação, é vivência” (Derdyk, 1994, p. 63), isto é, desenhar é algo espontâneo e que proporciona descobertas, a criança é tudo o que está no papel, pois o que está em seu interior é expressado por meio da ponta do lápis.

Segundo Derdyk (1990) a representação da figura humana sempre esteve presente na humanidade. Ao desenhar a si próprio, a criança pode manifestar-se sobre a maneira de como se coloca em relação ao mundo e às pessoas de seu convívio.

O processo de aquisição da representação da figura humana nos faz pensar na nossa própria constituição como ser no mundo. A representação da figura humana estabelece vínculos de identidade profundos com nós mesmos- estamos ali expressos (DERDYK, 1990, p. 108).

Fica evidente que a nossa representação em um desenho tem muito de nós, é tudo aquilo que nos representa. Para a autora, cada criança expressa aquilo que tem em seu repertório gráfico, ou seja, aquilo que faz parte de sua realidade.

A figura humana desenhada jamais será representada sem a cabeça, pois segundo Derdyk (1990) é a parte do corpo em que estão situados todos os nossos sentidos, e que traz muita significação sobre as características do ser humano. Ao lembrar de alguma pessoa, automaticamente a criança a associa aos traços do rosto, como o olhar, o sorriso, etc.. [...] “a história da representação da figura humana abre a possibilidade, para a criança, de uma exploração inventiva de seu próprio corpo, por exemplo” (DERDYK, 1990, p. 127).

Segundo Mèredieu (2001) o desenho tem muito de seu autor, destacando sua personalidade, sua maneira de ver o mundo e de se ver dentro dele. A maneira de usar os materiais, seja com força ou não, mostra muito a personalidade da criança. A utilização das cores fortes podem trazer significados como agressividade, raiva, tristeza, etc., o desenho



colorido representa bons sentimentos, já a ausência de cor pode representar a falta de afeto. Todavia, essas significações tornam-se verdadeiras somente se, houver estudo de caso para analisar o comportamento da criança, por isso é de suma importância acompanhar frequentemente o que acontece na vida dos pequenos.

Moreno (2008) salienta que o desenho vai perdendo espaço dentro do contexto escolar de acordo com o nível das séries, ou seja, será trocado por mais e mais disciplinas, no entanto, o professor pode propor atividades que proporcionem a prática de desenhar. O olhar do professor é fundamental para que o aluno no futuro não perca o desejo pelo desenho.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo do tipo bibliográfico que, segundo Silva (2005) “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” e também um estudo descritivo-exploratório, onde ocorre a observação, o registro, a análise e a relação dos fatos ou fenômenos observados.

A pesquisa ocorreu em uma escola estadual do município de Aquidauana, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Esta escola é gerida pela Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS.

A população desse estudo é composta por 5 alunos do Ensino Fundamental, com a faixa etária de 7 a 9 anos, os alunos serão identificados apenas por sexo e idade. Nesse período de idade em que se encontram as crianças pesquisadas, consiste na fase esquemática em que a criança adquire um simbolismo muito próprio do eu na sociedade.

O primeiro procedimento foi solicitar autorização da direção da escola, para realizar uma atividade com desenhos e posterior análise dos desenhos de um determinado número de alunos. Após a obtenção da autorização, foi realizada uma revisão teórica sobre os temas propostos nessa pesquisa.

A atividade ocorreu no segundo semestre do ano de 2018 e para começar, na sala de aula, houve uma roda de conversa com os alunos, ressaltando a importância do eu para as crianças, ou seja, a valorização de si mesmo perante a sociedade. Após a conversa, foi solicitado que fizessem um autorretrato, porém alguns alunos alegaram que não tinham espelho e não conseguiam se enxergar, sendo assim foi explicado que o importante é aquilo que ele tem em sua imaginação sobre si mesmo, ou seja, a maneira como cada um se vê, e como imaginam que sejam suas características.

A primeira análise se deu por meio da conversa com o aluno, momento em que foi pedido para que explicasse quem eram as pessoas, o que a paisagem representava e qual foi a



intenção ao desenhar. A segunda análise dos desenhos foi realizada com base nas referências bibliográficas dos autores já citados nessa pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir serão apresentados os desenhos de 5 alunos na faixa etária de 7 a 9 anos, expondo também a análise que foi feita por meio da conversa com cada um deles. A princípio a atividade consistia em fazer um autorretrato, porém os alunos optaram por fazerem desenhos que retratam suas vivências.

### Figura 1

Ao conversar com esse aluno, foi observado que se refere ao padrasto como tio, e segundo o que relatou, eles se dão bem, e há muita consideração e respeito entre os dois.

Para Dessen e Polônia (2007), essa relação de afetividade faz com que haja mais segurança para se resolver conflitos internos, para o aluno que tem um padrasto que o considera como filho o faz se sentir bem em seu ambiente familiar. Portanto, o respeito mútuo vai além de laços sanguíneos, consiste na valorização da relação em família.

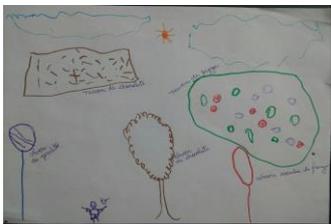


“Este sou eu, moro com minha mãe e meu tio (padrasto), meu padrasto é bom, ele trabalha e eu e minha mãe ficamos em casa, temos uma cachorrinha e um carro” (Menino, 7 anos).

Fonte: Arquivo pessoal

### Figura 2

O aluno desenhou árvores de diferentes alimentos, como pirulito, chocolate e coxinha de frango, nuvem de chocolate e de pizza, e ele pequeno diante de todas essas comidas.



“Este sou eu, estou em um mundo que sempre sonhei, cheio de guloseimas e comida, estou muito feliz por estar nesse lugar” (Menino, 8 anos).

Fonte: Arquivo pessoal

Nota-se que esse aluno buscou em sua imaginação algo que represente o mundo no qual gostaria de viver. Segundo Girardello (2011), a imaginação é como uma fuga da realidade é onde se idealiza coisas realizáveis ou não. Está associada ao que se tem de real e busca a interação com o mundo exterior, toda criança tem muita imaginação, sonhos e desejos.



**Figura 3**

A aluna que fez esse desenho foi uma das poucas crianças que seguiram o objetivo proposto pela atividade, que era fazer um autorretrato. Ao conversarmos, a aluna disse que não quis desenhar mais ninguém além de si.



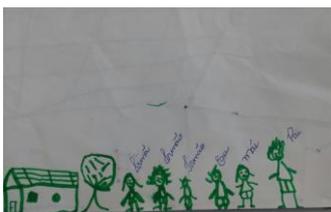
“Esta sou eu, sou alegre, gosto muito de brincar, e ficar sozinha, gosto da minha vida” (Menina, 8 anos).

Fonte: Arquivo pessoal

Conforme Piaget (1969), a socialização vai depender do comportamento da criança, há quem goste de ficar sozinho, como também há quem adore estar em grupo, seja brincando ou conversando. Ainda assim, é algo normal na vida da criança, pois as vivências fará com que a interação em grupo aconteça de forma espontânea.

**Figura 4**

O aluno desenhou sua família de acordo com a idade de cada um, mas em ordem crescente, desenhando seu pai por último.



“Este sou eu, moro com meu pai e meus irmãos, sou o irmão mais velho, tenho somente uma irmãzinha. Gosto muito da minha família” (Menino, 9 anos).

Fonte: Arquivo pessoal

A família é tudo aquilo que a criança tem de referência em sua vida, “ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva” (DESSEN e POLÔNIA, 2007, p. 22).

**Figura 5**

O aluno desenhou sua família, o pai é pedreiro, todos moram na casa de sua avó, seu irmãozinho foi desenhado pequeno porque segundo ele, é ainda um bebê.



“Este sou eu, moro com meus pais e meu irmão que ainda é um bebê na casa da minha avó, ela é muito boa para nós, temos um cachorrinho chamado Teddy e meu pai construiu um casinha de tijolos para ele. Você sabia que meu pai faz casas?” (Menino, 8 anos).

Fonte: Arquivo pessoal



A família é “considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança” (DESSEN E POLÔNIA, 2007, p. 22).

Segundo Lowenfeld (1970) os desenhos das crianças dessa faixa etária vão variar muito de uma para outra, como vemos nos exemplos. Há crianças que desenharam com mais detalhes e outras com menos, algumas buscam representar o seu real, já outras buscam em seu imaginário coisas que gostariam que acontecessem.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da observação através dessa atividade ficou notável o quanto os alunos se diferenciam uns dos outros, houve aqueles que se empolgaram mais e outros menos, alguns ficaram inquietos e já queriam rabiscar a mesa. No entanto, foi uma atividade muito gratificante e interessante para se realizar, pois ao conversar com os alunos individualmente, pode-se observar o quanto o diálogo pode trazer respostas para os traços feitos.

Dentre os desenhos apresentados o que chamou a atenção foi o da menina que se desenhava sozinha, ao conversarmos ela alegou que gosta de brincar só, e que se diverte dessa maneira, ou seja, cada criança tem um tipo de comportamento, tem sonhos e vontades diferentes e mesmo assim se sentem bem por isso, portanto não cabe ao adulto, seja professor ou qualquer outra pessoa forçar respostas para o comportamento através de achismo.

O uso dos materiais é bem restrito, visto que muitos alunos não possuem ao menos uma borracha, porém é algo que precisa ser de responsabilidade dos pais acerca do cuidado de seus filhos com o material disponibilizado no começo do ano pelo governo. O desenvolvimento da atividade só foi possível porque levamos para sala de aula lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera, etc.

Conclui-se então que a prática do desenho é muito relevante para que se possa analisar diversos comportamentos sejam bons ou ruins. A interpretação dos desenhos não deve ser baseada de acordo com a ideia do adulto, e sim conforme a criança vê e entende seu mundo seja interior ou exterior, por meio da conversa é possível obter respostas muito significativas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL. Ana. **Manifestações do abuso sexual de menores e o desenho:** dores a cores em folhas de papel. Instituto Superior de Psicologia Aplicada: 2008. Disponível em:



<<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3717/1/11886.pdf>> Acesso em 22 de set. de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 3. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CORREIA. Catia Campos. **O desenho na avaliação pedagógica e psicopedagógica**. Rio de Janeiro: Revista Ciência Atual. V.08. 2016. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/cafsj/index.php/cafsj/article/viewFile/150/131>> Acesso em 25 de ago. de 2018.

COX, Maureen. Desenho da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2001. apud MORENO. Marcia. **O desenho: um processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do processo criativo**. Santa Catarina: Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ - Ano 10 - n. 21 - jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/319/161>> Acesso em 16 de set. de 2018.

DERDYK. Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

\_\_\_\_\_. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1994.

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto) v. 17 n.36 Ribeirão Preto: jan/abr. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/paideia>> Acesso em 19 de out. de 2018.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07.pdf> > Acesso em 21 de out. de 2018

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? psicologia: teoria e pesquisa-** Universidade de Brasília, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210. Mai-Ago 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>> Acesso em 30 de set. de 2018.

LOWENFELD, Viktar; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LUQUET, Georges-Henri. O desenho infantil. Barcelona, Porto Civilização, 1969 apud Bombonato. Giseli Aparecida e Farago. Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, São Paulo: 2016. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>> Acesso em 19 de set. de 2018.

MÈREDIEU. Florence de. **O desenho infantil**. São Paulo: Pensamento-Cultrix LTDA, 2001.

MORENO. Marcia. **O desenho: um processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do processo criativo**. Santa Catarina: Revista Pedagógica - UNOCHAPECÓ - Ano 10 - n. 21 - jul./dez. 2008. Disponível em:



<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/319/161> Acesso em 16 de set. de 2018.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969.

SILVA, Mary Aparecida Ferreira da. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. Ed. ver. atual. / Mary Aparecida Ferreira da Silva. – Curitiba: Ibplex, 2005.